

O que sai sem se dizer: percepções em vivências no grupo de discussão sobre formação de professores na educação ambiental

What is said without words: Perceptions in experiences in the discussion group on teacher training in environmental education

Lo que sale sin decirse: percepciones en vivencias en el grupo de discusión sobre formación de profesores en educación ambiental

Laísa Freire¹
Cae Rodrigues²

Resumo

No presente artigo, caracterizamos os caminhos que a pesquisa em educação ambiental vem percorrendo para entender os processos de formação ambiental de educadores e professores. Exercitamos um olhar de complementaridade, abrangendo o aspecto textual discursivo e a experiência vivida no Grupo de Discussão de Pesquisa (GDP) sobre a temática no XI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA). Na fenomenologia, a experiência vivida e a percepção direta dos fenômenos são fundamentais para a compreensão do mundo e da consciência. Assim, expomos nossas percepções sobre a experiência holística do GDP *Pesquisa em Educação Ambiental e a formação de educadores e professores*, incluindo um olhar sobre os textos dos trabalhos do GDP e descrições daquilo que transcende a linguagem verbal/textual na produção acadêmica no EPEA. Destacamos como categorias de análise os aspectos: (i) o brilho no olhar do/a pesquisador/a; (ii) as sinergias dos bons encontros; e (iii) a possibilidade de aprender com a mãe Terra. Essas reflexões contribuem ao debate sobre a pesquisa e os processos de formação de educadores e professores alicerçados em uma virada ontológica na educação ambiental que permita superar visões antropocêntricas, ainda prevalentes no campo, e gerar conexões genuínas em modos alternativos de ser, representar e agir no mundo.

Palavras-chave: Pesquisa em educação ambiental. XI EPEA. Formação de professores. Complementaridade entre o discursivo e o fenomenológico. Percepções além do verbal/textual.

Abstract

In this article, we characterize the paths that research in environmental education has been treading on to understand the processes of training environmental educators and teachers. We exercise a complementary perspective between discursive textual analysis and lived experiences within the Research Discussion Group (RDG) on the theme in the XI (Brazilian) Environmental Education Research Meeting (EPEA, in Portuguese). In phenomenology, lived experience and direct perception of phenomena are essential for understanding the world and consciousness. Thus, we present our perceptions of the holistic experience within the RDG called *Environmental education research and the training of educators and teachers*, including an examination of the manuscripts presented in the RDG and descriptions of what transcends verbal/textual language in academic production in EPEA. We highlight as categories of analysis the aspects: (i) the sparkle in the researcher's eye; (ii) the synergies of fruitful encounters; and (iii) the possibility of learning from Mother Earth. These reflections contribute to the debate on research and the processes of training educators and teachers grounded in an ontological turn in environmental education that allows overcoming anthropocentric views, still prevalent in the field, and generating genuine connections in alternative ways of being, representing, and acting in the world.

Keywords: Environmental education research. XI EPEA. Teacher training. Complementarity between the discursive and the phenomenological. Perceptions beyond the verbal/textual.

Resumen

En el presente artículo, caracterizamos los caminos que la investigación en educación ambiental ha estado recorriendo para entender los procesos de formación ambiental de educadores y profesores. Ejercitamos una

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: laisa@ufrj.br.

² Universidade Federal de Sergipe. E-mail: caerodrigues@academico.ufs.br.

mirada de complementariedad entre el texto discursivo y la experiencia vivida en el Grupo de Discusión de Investigación (GDI) sobre la temática en el XI *Encontro Pesquisa em Educação Ambiental* (EPEA). En la fenomenología, la experiencia vivida y la percepción directa de los fenómenos son fundamentales para la comprensión del mundo y la conciencia. Así, exponemos nuestras percepciones sobre la experiencia holística del GDI Investigación en Educación Ambiental y la formación de educadores y profesores, incluyendo una mirada sobre los textos de los trabajos del GDI y descripciones de lo que trasciende el lenguaje verbal/textual en la producción académica en el EPEA. Destacamos como categorías de análisis los aspectos: (i) el brillo en la mirada del/de la investigador/a; (ii) las sinergias de los buenos encuentros; y (iii) la posibilidad de aprender con la madre Tierra. Estas reflexiones contribuyen al debate sobre la investigación y los procesos de formación de educadores y profesores basados en un giro ontológico en la educación ambiental que favorezca superar visiones antropocéntricas, todavía prevaletientes en el campo, y generar conexiones genuinas en modos alternativos de ser, representar y actuar en el mundo.

Palabras clave: Investigación en educación ambiental. XI EPEA. Formación de profesores. Complementariedad entre el discursivo y el fenomenológico. Percepciones mas allá del verbal/textual.

1 Mais do que palavras iniciais

O XI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (XI EPEA) foi realizado na cativante cidade de Salvador, Bahia, no nordeste brasileiro, entre os dias 07 e 10 de maio de 2023. Contrariando as expectativas imaginárias de quem viaja para o nordeste e espera o *sol eterno*, a chuva esteve bem presente em Salvador durante os dias do evento! Durante a pandemia, o EPEA não ocorreu, tampouco de modo virtual. Assim, o evento, projetado para ser realizado bianualmente, não acontecia desde 2019. Foi nesse contexto que a comunidade acadêmica da educação ambiental, por meio da Rede EPEA, acordou em reuniões de preparação que o encontro seria presencial. O sentimento compartilhado entre os participantes foi constantemente verbalizado durante o encontro: era o *EPEA do reencontro* (Figura 1)!

Figura 1 - *EPEA do reencontro* realizado em Salvador, Bahia, Brasil, no período de 7 a 10 de maio de 2023.



Fonte: acervo de imagens do XI EPEA.

Ao exercitar a escuta atenta, aguçando os sentidos para entender os Grupos de Discussão de Pesquisas (GDP) em seu significado para além das palavras enunciadas nas apresentações, ouvimos que: [...] *a pesquisa em educação ambiental traz um brilho nos olhos*; [...] *Como tudo isso poderia se encontrar de alguma forma?*; [...] *Temos que fazer referência à mãe terra! – aprender com ela* [...] (Excertos de falas dos participantes do XI EPEA, 2023). Essas

expressões carregadas de emoção e afetividade nos inspiraram, de certo modo, a construir este texto.

O processo de pesquisa começa e termina muito além de um congresso, contudo, os momentos de encontros podem gerar sinergias e conexões que, anteriormente, não foram pensadas para a atividade pesquisada. As expressões ouvidas e sentidas, transcritas acima, nos fazem refletir sobre a educação ambiental (EA) como campo do conhecimento que nos desafia a desenhar e a redesenhar seu objeto de pesquisa, ou *sujeito de pesquisa*, reconhecido como a relação entre ser humano, natureza e sociedade, o que requer a reflexão sobre nossa posição neste mundo e seus significados.

A expectativa de quem envia um trabalho, a alegria de quem recebe a notícia de que o trabalho foi aprovado, o esforço financeiro e de *quebra* do cotidiano de quem consegue ir ao evento, a coragem da exposição de quem apresenta seu trabalho à comunidade acadêmica se combinam como uma experiência única, um processo envolvendo conceituação, contextualização, representação e legitimação (Payne, 2009). Um processo que, certamente, carrega significados diferentes para o/a pesquisador/a experiente, que já o vivenciou diversas vezes, e para o/a pesquisador/a debutante, trilhando pelos caminhos do *novo*. Diferentes expectativas que se encontram no diálogo e em reações corporais que se repetem: o frio na barriga, advindo da exposição e do desejo de fazer uma comunicação cuidadosa; os entrelhares, que dizem sem falar; o deslumbramento; os estranhamentos; a busca de pontos em comum entre os trabalhos apresentados. Os caminhos dos trabalhos são percorridos dentro de um processo pactuado na prática científica/acadêmica.

No GDP de *Pesquisa em Educação Ambiental e a formação de educadores e professores* do XI EPEA, foram aceitos para apresentação 22 trabalhos de pesquisas em EA que investigam: (a) processos de formação inicial e continuada de professores e educadores ambientais em diferentes contextos; (b) avaliação de modelos e práticas de formação ambiental para diferentes níveis e modalidades de ensino; (c) desenvolvimento profissional em educação ambiental; (d) saberes e práticas docentes e de educadores ambientais. Dentre esses, vinte foram efetivamente apresentados durante os dias do evento, em uma sala e em um auditório da Universidade Federal da Bahia, distribuídos em dois dias de apresentação. As salas eram grandes, havia disponibilidade de projetor de mídia para as apresentações e monitores do evento, estudantes da universidade, para facilitar a gestão das apresentações. O auditório foi utilizado de modo a permitir a formação em roda para os debates, após o momento de apresentação dos trabalhos. Nós, enquanto coordenação do GDP, acompanhamos todo o processo, apresentando os títulos dos trabalhos, convidando o/a pesquisador/a ao momento célebre da apresentação, monitorando o tempo e mediando a discussão. Ao final do evento, houve a apresentação geral de cada GDP, por parte das suas coordenações, refletindo sobre as pesquisas que os integram.

No presente artigo, retomamos aspectos dos trabalhos que possibilitam pensar a formação de educadores e professores e os caminhos que a pesquisa em EA vem percorrendo para tratar o tema. Escolhemos trazer essa reflexão, exercitando um olhar fenomenológico sobre as produções apresentadas. Na fenomenologia, a experiência vivida e a percepção direta dos fenômenos são fundamentais para a compreensão do mundo e da consciência (Merleau-Ponty, 1999; 2003). Assim, apresentamos neste texto nossas percepções sobre a experiência holística do GDP *Pesquisa em Educação Ambiental e a formação de educadores e professores*, incluindo um olhar sobre os textos dos trabalhos do GDP e descrições daquilo que, segundo nosso entendimento, transcende a linguagem verbal/textual na produção acadêmica veiculada no XI EPEA. Essa leitura perceptiva parte de dois pesquisadores experientes no campo da formação de educadores e professores de EA e com experiências prévias no EPEA e em muitos eventos nacionais e internacionais de pesquisa em educação ambiental (PEA). A leitura também parte de um lugar no mundo ocupado por uma mulher branca e um homem branco, ambos

heterossexuais e pertencentes, hoje, à classe média, no contexto brasileiro. Experiências prévias no GDP (que a primeira autora deste trabalho acompanha desde 2013) evidenciam que o grupo tem se diversificado em termos de temáticas e de pessoas que o frequentam, ainda que haja pesquisadores que o frequentam desde as primeiras edições e algumas temáticas que se destacam como mais recorrentes, independentemente das temáticas específicas que marcam cada encontro, sempre acompanhando a chamada mais geral de *pesquisa em educação ambiental*.

2 Ensaios de complementaridade entre o discursivo e o fenomenológico

A ideia de complementaridade (Solón, 2019) está relacionada ao reconhecimento da interdependência e interconexão entre diferentes elementos, sistemas ou abordagens na compreensão do fenômeno. Para Acosta (2016), a complementaridade sugere a necessidade de buscar equilíbrio e harmonia entre diferentes perspectivas, abordagens e valores que coexistem em uma sociedade. “Quanto mais um se articula com o outro, maior é a resiliência individual e do todo” (Solón, 2019, p.30). Isso inclui a valorização e a integração de diferentes formas de conhecimento, como o conhecimento científico ocidental e os conhecimentos tradicionais indígenas, bem como a incorporação de múltiplos pontos de vista e interesses na formulação de políticas públicas e práticas de gestão ambiental, incluindo a pesquisa.

Nesse sentido, essa ideia implica reconhecer que, muitas vezes, há tensões e conflitos entre diferentes visões, interesses e valores em relação a que dimensões se privilegia na pesquisa e, frequentemente, isso é tensionado no EPEA. No entanto, em vez de eliminar essas contradições, visando um consenso, a proposta do exercício da complementaridade propõe buscar um equilíbrio dinâmico que permita a coexistência entre perspectivas divergentes. A própria noção de *campo*, de Bourdieu (1989), representa um espaço simbólico no qual as lutas dos agentes que compõem o campo são determinantes para validar e legitimar as representações do campo.

Concordando com ideias de Silvia Rivera Cusicanqui (apresentadas em artigo de Renata Matsuo, 2021), entendemos a possibilidade de construir uma *ciência artesanal* que se tece por meio da paixão, da respiração, daquilo que compartilhamos em coletivo; comprometida com a vida. Isso porque nos reconhecemos como parte dessa construção viva, o que quer dizer que reconhecemos nossa agência no campo e nessa construção viva, nos permitindo fazer essas elaborações. Para Cusicanqui (citada por Matsuo, 2021, s.p.), “uma busca por epistemologias cotidianas, entendendo a epistemologia como ética, como um conhecer com o corpo. Uma ética que se transforma em estética, descolonizando o olhar e se reconectando com outros sentidos”. Aqui, a junção não poderia ser melhor: autores de tradições de pesquisas diferentes, tecendo a pesquisa na coexistência e reflexão colaborativa.

A abordagem discursiva tem sido uma abordagem teórica e metodológica utilizada pela primeira autora em estudos que desenvolveu no campo e que enfatizam a centralidade da linguagem e do discurso na construção da realidade (Campos; Freire, 2022). Pesquisadores que adotam essas abordagens epistemológicas estão interessados em entender os discursos enquanto práticas sociais que conformam e são conformados por modos de ser, agir e representar a vida em sociedade (Resende, 2009). Por meio dos estudos críticos do discurso (Fairclough, 2003), o/a pesquisador/a mergulha no processo de desvelamento da realidade, assumindo uma postura ativa na sua corporificação. Isso possibilita uma análise dos significados que compõem essa realidade, considerando uma complexa teia de forças sociais que tanto influenciam quanto são influenciadas pelos contextos de interação.

Por outro lado, a perspectiva (eco)fenomenológica, mais utilizada pelo segundo autor (Rodrigues, 2018), concentra-se na experiência vivida e na compreensão dos significados construídos da experiência, sendo a percepção o meio pelo qual se constitui o mundo objetivo.

A fala, compreendida como a integridade das expressões corporais de comunicação do ser ao mundo (verbais e não verbais, ou verbalizadas e não verbalizadas) (Merleau-Ponty, 1999), também tem um papel central na pesquisa fenomenológica, sendo a fala (discurso) de quem vivencia o fenômeno fundamental para a compreensão do próprio fenômeno (Bicudo; Espósito, 1997; Rodrigues; Lemos; Gonçalves Junior, 2010).

A complementaridade na pesquisa dos autores deste texto está, especialmente, nos objetivos de suas pesquisas em desvelar os sentidos ecossomaestéticos (Payne *et al.*, 2018) em diferentes contextos, sendo o foco os potenciais processos de EA. Essencialmente, o que isso significa é que a perspectiva de uma ação ser *ecopedagógica* se realiza, em grande medida, na maneira como os agentes dessa ação apreendem, ou incorporam, ou ainda *naturalizam* a experiência esteticamente (experiência holística dos sentidos) no sentido de uma ética-político ecológica, ou seja, de uma compreensão-ação de/no mundo centrada no bem-viver de todos os seres (humanos e não-humanos) que fazem parte do ambiente (Rodrigues, 2018). Apesar de suas (reconhecidas) limitações, a análise dos discursos de quem vivencia o fenômeno, seja pela abordagem discursiva ou fenomenológica, desvela significados importantes dos sentidos ecossomaestéticos da experiência.

A partir da complementaridade de nossas abordagens epistêmicas de pesquisa, buscamos entender o GDP *Pesquisa em Educação Ambiental e a formação de educadores e professores* do XI EPEA pela vivência e experiência do evento, com foco em seu potencial ecossomaestético.

3 Diálogos de complementaridade com os trabalhos apresentados no XI EPEA

O Quadro 1 apresenta os trabalhos enviados ao GDP de *Pesquisa em Educação Ambiental e a Formação de educadores e professores* do XI EPEA, juntamente com os objetivos de cada trabalho.

Quadro 1 - Títulos e objetivos de trabalhos enviados ao GDP de *Pesquisa em Educação Ambiental e a Formação de educadores e professores* do XI EPEA.

Nº	TÍTULO DO TRABALHO	OBJETIVOS
1	A Educação Ambiental e a Formação De Educadores: Nas Revistas Tempos e Espaços Em Educação e Educação Pública	Realizar um diagnóstico de como a EA e a formação de educadores tem sido abordada nas revistas <i>Tempos e Espaços em Educação</i> e <i>Educação Pública</i> , no interstício de 2018 a 2022.
2	A Educação Ambiental na Formação Inicial De Professores Nos Trabalhos do Encontro De Pesquisa Em Educação Ambiental (EPEA)	Realizar o levantamento de artigos publicados nas quatro últimas edições do EPEA que se propuseram a investigar a EA na formação inicial de professores.
3	A Evolução Histórica da Educação Ambiental E da Educação Para o Desenvolvimento Sustentável: Uma Revisão Sistemática Da Literatura	Investigar os contextos nos quais os conceitos de Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável emergiram e como pesquisadores da área têm discutido a relação e os conflitos em torno destes conceitos.
4	A Rede Araucárias de Pesquisa-Formação e Disposições à Ambientalização	Identificar as vivências de gestores representantes dos municípios participantes da Rede Araucárias, em face das organizações e redes a partir do curso <i>Cotidianos da Pesquisa-Formação em Redes de Educação Ambiental como estratégia de Inovação Social</i>
5	A Relação Entre Escolas e Unidades de Conservação em Projetos de Educação Ambiental: Caminhos para a Constituição de Comunidades de Aprendizagem	Compreender a relação entre escolas e Unidades de Conservação (UC) à luz das concepções de educação ambiental, a partir de projetos escolares produzidos pelos professores participantes de um curso de formação continuada.

6	Abordagem da Temática Ambiental em Atividades Realizadas Pelos Cursos de Licenciatura em Matemática das Universidades Federais do Estado de Minas Gerais	Analisar a inserção da temática ambiental nos cursos de Licenciatura em Matemática das universidades federais do estado de Minas Gerais
7	Agroecologia Escolar: Um Estudo de Percursos Formativos Docentes	Analisar um curso de formação continuada com docentes promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental da UFJF que promoveu encontros formativos entre professoras da educação básica, agricultoras/es urbanas/os e pesquisadoras da cidade de Juiz de Fora (MG)
8	Ambientalização Curricular No Curso De Pedagogia de Uma Universidade Pública Estadual Baiana: Narrativas de Formação e Trajetória Profissional dos/as Egressos/as	Compreender o modo como a ambientalização curricular foi sendo potencializada no currículo do curso de Pedagogia de uma universidade pública estadual e a possível contribuição desse processo formativo para o campo profissional do/a Pedagogo/a.
9	Análise Das Concepções Vinculadas À Educação Ambiental Nas Cátedras, Centro e Instituto Paulo Freire no Brasil	Compreender as concepções sobre a Educação Ambiental nas Cátedras, Centro e Instituto Paulo Freire.
10	Curso de Formação Continuada em Educação Ambiental: Cidadania e Políticas Públicas Socioambientais.	Analisar como um curso de formação continuada em EA pode contribuir para a formação cidadã de professores.
11	Educação Ambiental Na Educação Infantil: Um Olhar Sobre Uma Escola Municipal Quilombola Via Projetos Pedagógicos	Analisar documentos pedagógicos (Projeto Político Pedagógicos e Projetos) de uma escola pública quilombola de Educação Infantil, na cidade de Jequié-BA a fim de especificamente identificar se e como a educação ambiental encontra-se em interface com o ensino de ciências nos documentos.
12	Escritas e Traçados De Experiências na Amazônia: Contribuições para Formação de Educadores Ambientais	Caracterizar os significados atribuídos às experiências de educadores ambientais em uma trilha sinalizada na Amazônia.
13	Formação de Sujeitos Ecológicos: Construções E Re-Existência para uma Educação Ambiental Holística	Compreender as percepções socioambientais dos jovens egressos do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) do Bailique como base para o processo formativo voltado para a sustentabilidade.
14	Formação Docente E Educação Ambiental em Publicações Científicas	Analisar o vínculo institucional e a linguagem dos autores de publicações científicas sobre formação de professores e educação ambiental na revista <i>Ambiente e Educação</i> de 2018 a 2022.
15	Formação Inicial Docente e Extensão Universitária: Análise de Teses e Dissertações em Educação Ambiental	Analisar indícios de ações de extensão em teses e dissertações de Educação Ambiental que discutem a formação inicial de professores, defendidas no período de 2017 a 2021
16	O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação À Docência (PIBID/UNIFEI) e a Formação De Professores na Perspectiva da Temática Ambiental.	Compreender a inserção da Temática Ambiental no desenvolvimento de propostas relacionadas ao PIBID/UNIFEI na execução dos Editais nº 07/2018 (período 2018-2019) e nº 02/2020 (período 2020-2022).
17	O(s) Perfil(is) Dos Pesquisadores e suas Trajetórias De Pesquisa no Campo da Pesquisa Em Educação Ambiental	Analisar o(s) perfil(is) dos pesquisadores e suas trajetórias de pesquisadores no campo da pesquisa em Educação Ambiental.
18	Paulo Freire e Círculos de Cultura: Intervenções Educacionais Dialógicas Humanizantes Em Pesquisas Encontradas No Banco De Dissertações e Teses EArte	Analisar trabalhos do banco EArte realizando uma busca pelo descritor Paulo Freire e, dentre este resultado, uma busca com o descritor Círculo(s) de cultura.

19	Potencialidades Do Cinema Ambiental para a Educação Ambiental Crítica: Um Olhar Sobre Curtas De Uma Plataforma De Streaming Educacional	Demonstrar as potencialidades de filmes no desenvolvimento da EA crítica.
20	Propostas Colaborativas na Formação Continuada De Professores Em Educação Ambiental	Analisar a formação continuada colaborativa nos processos formativos de professores em EA.
21	Tendências Em Educação Ambiental nas Produções do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO): 2014 A 2021	Apresentar um mapeamento das tendências em EA, principalmente de professores, nas publicações das quatro últimas edições (entre 2014 e 2021) do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (Enebio).
22	Teoria e Prática de Educação Ambiental na Formação Docente: Um Estudo Realizado na REMEA e na Revista Em Aberto (2018-2022)	Compreender as abordagens que envolvem teoria e prática relacionadas entre si e voltadas à Educação Ambiental dentro da formação de professores(as) presentes nas pesquisas publicadas durante o período de 2018 a 2022 na Revista do Mestrado em Educação Ambiental e na revista Em Aberto

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos trabalhos enviados ao GDP de Pesquisa em Educação Ambiental e a Formação de educadores e professores do XI EPEA.

A proposta de dialogar com os trabalhos apresentados *após* a realização do evento é um exercício já característico do EPEA, pelo qual os coordenadores dos GDP propõem reflexões possíveis a partir do contexto mais geral de cada GDP, incluindo sua parte mais estrutural (temáticas e objetivos dos trabalhos aceitos e apresentados) e situacional (histórias particulares no contexto específico do GDP naquele evento, situado em um tempo e espaço de experiências coletivas e compartilhadas). As narrativas construídas nesse exercício são fruto das anotações dos coordenadores durante o evento (como diários de campo) e de diálogos posteriores a partir das vivências do evento e das histórias de vida dos pesquisadores, especialmente as relacionadas ao ensino e pesquisa na temática do GDP (vivências que os levaram à coordenação do GDP nessa temática).

Dessa maneira, as narrativas se tornam importantes registros de memória dos eventos e relevantes arquivos históricos da pesquisa em educação ambiental no Brasil e no mundo (considerando influências internacionais nos trabalhos apresentados), dada a periodicidade regular e a legitimidade acadêmica do EPEA. Os resultados dessas reflexões são publicados nos anais do evento ou como artigos em periódicos científicos (ver, por exemplo, Freire e Rodrigues, 2020). Como coleção mais ampla, se tornam uma base de dados importante para pesquisas de bibliometria ou de estado da arte (por exemplo, Rink e Megid Neto, 2009; Lopes e Loureiro, 2022; Carvalho e Neto, 2024) que objetivam analisar a produção científica no campo ambiental, seja em uma temática mais específica (analisando o histórico mais particular de um GDP) ou a PEA de maneira mais ampla (analisando o conjunto dos GDP do evento em uma perspectiva histórica).

Neste artigo, lançamos um olhar sobre o entrelaçamento ou *emaranhado* (Ingold, 2011) entre os indivíduos que atuam, as pesquisas apresentadas e o regime global contemporâneo vinculado ao tema do XI EPEA, *Antiecológismo e práxis política. Quais conhecimentos para qual sociedade?*. Nesse mergulho reflexivo sobre teoria (temática proposta) e prática (corporeidade do evento), a primeira inquietação que nos move é que, se a práxis política se dá nos trabalhos, na conjuntura e nas posições de sujeitos em busca de um lugar no campo, neste GDP ela não ocorre como objeto de estudo, assim como observamos em pesquisas que buscam enfrentar o antiecológismo (Layrargues, 2018). Foi possível identificar as seguintes políticas públicas mencionadas nos textos: Política Nacional de Educação Ambiental, Diretrizes Curriculares Nacionais da EA, Artigo 225 da Constituição Federal, Plano Nacional de Educação, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e BNCC-formação, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, Diretrizes Curriculares Nacionais

Gerais da Educação Básica. Essas foram mencionadas como contextualização e problematização, ou mesmo justificativa da pesquisa. Olhando para os trabalhos apresentados, em termos das dimensões da práxis humana que orienta a construção e o desenvolvimento de projetos de ação e investigações no campo da EA (Carvalho, 2006), podemos entender que os conhecimentos investigados, as dimensões da educação ambiental privilegiadas são, de maneira geral, as dos conhecimentos do próprio campo (os estudos tipo estados da arte da pesquisa em educação ambiental) e as dos conhecimentos dos processos formativos de professores e de educadores ambientais (práticas pedagógicas), sendo a dimensão axiológica (ética, estética) pouco valorizada como objeto de estudo e a dimensão política tomada como ideário e conjuntura.

No GDP foi possível observar as formações discursivas que constituem o campo de saber da EA ainda tensionadas para o *salvo conduto* da educação ambiental crítica. Os tensionamentos entre duas teorizações recorrentes no campo, crítica e pós-crítica, evidenciam o quanto a educação ambiental vem modificando-se desde o século XX (Silva; Henning, 2018). O entendimento do papel das questões estéticas e éticas (Payne *et al.* 2018) como propostas pós-críticas que valorizam a subjetividade na educação ambiental, proporcionando novas significações da natureza e da nossa relação com o meio ambiente (Andrade da Silva *et al.*, 2020), tem sido trazido em diálogo com as perspectivas decoloniais no campo.

O que temos visto, atualmente, é que algumas abordagens que buscam no (re)encontro com a natureza modos mais sustentáveis de se viver, desvinculados da noção de desenvolvimento – especialmente pela crítica à ênfase econômica atrelada às perspectivas modernas de desenvolvimento – (Carvalho, 2002), vêm ganhando espaço nas discussões no campo da ecologia política e nos movimentos ambientais de resistência. Debates como a preservação dos ambientes humanos e não humanos e os direitos da natureza são cada vez mais frequentes, em grande parte influenciados por teorias do Norte-Global que ampliam o escopo do *material* (novos materialismos) e resgatam o valor das agências não-humanas (pós-humanismo) (Rodrigues, 2020; Rodrigues *et al.*, 2020). Essa discussão encontra eco nas perspectivas pós-desenvolvimentistas do debate ambiental que têm sua expressão na América Latina, vinculada ao resgate da sabedoria ancestral indígena e propostas como o *Buen Vivir* (Acosta, 2016). Contudo, isso ainda não aparece de maneira expressiva nesse GDP.

4 O que sai sem se dizer nos trabalhos apresentados

No exercício da complementaridade entre o discursivo e o fenomenológico, nos pusemos a pensar no que *sai sem se dizer* no GDP e nos trabalhos apresentados. A Figura 02 evoca a memória daqueles que estavam participando e nos chama atenção sobre o processo desenvolvido nas sinergias dos bons encontros.

Figura 2 - Momento de debates e discussões no segundo dia do GDP *Pesquisa em Educação Ambiental e a Formação de educadores e professores* do XI EPEA.



Fonte: arquivo pessoal da primeira autora.

Retomamos e destacamos como categorias de análise os aspectos: (i) o brilho no olhar do/a pesquisador/a; (ii) as sinergias dos bons encontros; e (iii) a possibilidade de aprender com a mãe Terra.

(i) Brilho no olhar do/a pesquisador/a

A reflexão sobre o que transcende a palavra e se manifesta, de forma sutil, nos gestos, expressões faciais e na interação entre os pesquisadores permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas envolvidas na pesquisa acadêmica no EPEA. Deixar um tempo para os debates e discussões é algo que se valoriza em termos da interação com o outro. Ao reconhecer *o brilho* nos olhares dos/das pesquisadores/as enquanto compartilham seus trabalhos, podemos acessar aspectos emocionais e subjetivos que, muitas vezes, não são expressos verbalmente, mas que são essenciais para compreender o significado e o impacto do trabalho acadêmico. Destacamos o compromisso com a formação docente, a vontade de superar os desafios deixados pela pandemia, a aposta em programas institucionais como o PIBID, que alavancam os processos de formação, demandando o compromisso dos/das pesquisadores/as, ainda que em condições de precarização do programa, incluindo tensões crescentes diante da disseminação de cursos de formação à distância. Destacamos o orgulho dos/das orientadores/as ao ver o/a estudante se desenvolvendo, se superando, debatendo com a comunidade acadêmica.

Ao se exporem, os/as apresentadores/as ficam suscetíveis a diferentes visões de mundo, questionamentos e críticas. A possibilidade de dialogar, criticar, duvidar e concordar leva à reflexões e questionamentos sobre conceitos próprios, construídos corporalmente a partir de experiências em mundos-vidas próprios e particulares (Freire, 1992), ainda que compartilhados e constituídos a partir do reconhecimento do *não-eu* (Freire, 1996). Essa exposição é, portanto, não só valiosa como parte do processo de conceituação (fenomenológica; corporal – ver Ingold, 2010), mas também fundamental como representação e legitimação do conhecimento construído na e pela experiência. O momento de apresentação é, assim, parte importante do processo de empoderamento do/a pesquisador/a diante de seu tema de pesquisa.

(ii) Sinergias dos bons encontros

As sinergias dos bons encontros geraram reconhecimentos de diferentes atores sociais que participaram das pesquisas, gerando uma articulação intersetorial na coconstrução de propostas pedagógicas em prol da formação docente que envolvem a escola, a universidade,

gestores/as e monitores/as ambientais, agricultores/as e centros de EA. Durante os debates, no segundo dia realizados em roda, os participantes se alternavam para falar, em sua maioria procurando não se prolongar e buscando conexões entre as falas. Os debates e apresentações do GDP permitiram que fôssemos testemunhas do engajamento e da preocupação com os processos de formação nas universidades que ali estavam representadas. Em alguns momentos, as discussões sobre pesquisa se entrelaçavam com questões relacionadas ao ensino e à integração da EA nos currículos de formação docente, evidenciando sinergias entre ensino e pesquisa para a promoção da ambientalização curricular para ampliar a noção de cidadania, gerando contrapontos com propostas em curso no país, vinculadas ao empreendedorismo e formação para o mercado laboral. A interação entre as pessoas em bons encontros não se limita apenas ao nível intelectual ou discursivo, mas, também envolve uma dimensão sensorial e corporal como as expressões registradas na Figura 2.

(iii) Possibilidade de aprender com a mãe Terra

Esse último aspecto nos remete à estética da mãe terra e demanda questionamentos sobre o que podemos aprender com ela, ou com a multidão de vozes dos viventes de Gaia (Duarte-Almada; Venâncio, 2021). De fato, sobre como podemos transcender de uma visão de que a natureza serve à exploração e dominação humana para uma noção de Pacha Mama como mãe terra, ou mesmo considerando a corrente científica da terra como sistema vivo, Gaia. Ao advogar pela construção de práticas educativas que ouçam as vozes da natureza, atualmente abafadas pelo antropocentrismo ocidental, Duarte-Almada e Venâncio (2021) entendem que a perspectiva multiespécie pode alargar a percepção dos atores do processo educativo. Pensar no ensino assumindo como companhias, por exemplo, as plantas, é reinscrever os problemas do Antropoceno em termos de atenção, escuta e respeito aos devires (Dias, 2023).

Como seria pensar o campo da educação ambiental a partir do que o/s ambiente/s nos diz/em? Essa virada ontológica abre espaços para novas perguntas e possibilidades na PEA, por exemplo, como seriam os objetos, objetivos e métodos nas PEA baseadas nessa perspectiva? O que já sabemos é que pensar o campo da EA a partir do que o ambiente nos diz envolve uma mudança fundamental na maneira como concebemos e nos relacionamos com a natureza. A possibilidade de aprender com a Mãe Terra nos leva a compreender que somos parte de um sistema complexo e interdependente, no qual todas as formas de vida têm valor intrínseco e contribuem para o equilíbrio do planeta. É bastante pertinente recuperar a *perspectiva da pedra* (Carvalho, 2014) trazendo o contínuo humano e não humano como condição para a produção de um “fluxo generativo dessas relações de mútua afecção” (Carvalho, 2014, p.75), debate que, dez anos depois de sua publicação, continua reverberando e nos inspirando nos EPEA.

5 Para pensar a formação...

Para pensar a formação de professores e educadores ambientais na EA podemos ir além do que é temático ou discursivo e propor um exercício de valorização da potência do ser nas pesquisas realizadas. Essa valorização da potência do ser, que enfatizamos aqui a partir da inserção dos/as pesquisadores/as no GDP, estabelece novos contornos para a PEA em formação.

Como seriam processos de formação de educadores e professores, alicerçados em uma virada ontológica na EA, que permitissem superar, visceralmente, visões antropocêntricas do campo, por exemplo? Que buscassem, por meio da ecossomaestética, conexões genuínas em modos alternativos de ser e de estar no mundo? Quais seriam os orientadores dos processos formativos? As questões pulsantes dos territórios passariam a ser as indagadoras/promotoras de conteúdos? Seriam os problemas e conflitos vivenciados pelas pessoas e grupos participantes os protagonistas dos processos de formação? Buscamos, assim, romper o domínio do conhecimento científico universalizado que, tradicionalmente, organiza os processos de

formação convencionais, constituídos no saber-poder de controle e regulação do ambiente, dos corpos e dos territórios, para prefigurar discursos e práticas de outros mundos possíveis (Acosta, 2016). Talvez, um bom lugar para começar seja reverberando, em diferentes textos e contextos (descrições e prescrições; teorias e ações), a pergunta (aparentemente) simples: “o que a natureza ganha com isso?” (Rodrigues; Lowan-Trudeau, 2021, p. 293, tradução nossa).

A abordagem fenomenológica oferece um arcabouço para o estudo da experiência humana, enfatizando a importância da subjetividade, da intersubjetividade e da compreensão da realidade a partir da perspectiva do sujeito (Iared *et al*, 2021). Ao exercitar esse olhar nos trabalhos do GDP sobre formação de educadores e professores na EA, podemos potencializar a capacidade de compreensão e expressão dos pesquisadores, bem como fomentar uma análise mais profunda e significativa das experiências vividas no contexto educacional ambiental durante a experiência no congresso, considerando o GDP como um todo.

Tanto dos sujeitos pesquisadores que apresentaram no GDP, quanto dos sujeitos participantes dos processos educativos investigados, valorizamos a experiência vivida na prática acadêmica. Ao reconhecer a singularidade e a riqueza das vivências individuais, apresentando seus trabalhos em uma sala de uma universidade pública no Nordeste brasileiro, os pesquisadores podem explorar os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências de formação como pesquisadores na EA.

A inclusão de perspectivas diversas também é fundamental para avanços na pesquisa em formação de educadores e professores na EA. Reconhecendo a pluralidade de experiências e pontos de vista dos participantes, os pesquisadores podem enriquecer sua análise e promover um diálogo intercultural e interdisciplinar que amplie a compreensão do tema em estudo. Ausências foram observadas, como a de análises mais críticas e aprofundadas sobre propostas de políticas de formação contemporâneas (mesmo nas que apareceram como tema de apresentação, como a BNCC), novos contextos de formação gerados a partir da pandemia e incidências de acordos globais nos currículos de formação. Especialmente, a demanda por esse debate levanta questões sobre como essas propostas e incidências acabam ajudando a perpetuar o projeto neoliberal e antiecológico, levando em consideração a temática específica do XI EPEA. É preciso incluir na agenda da PEA que o compromisso político da EA se legitima com uma força renovadora, que desafia o *status quo* social, enquanto promove um possível exercício normativo e prescritivo de comportamentos - embora ecológicos, pois atua em nome da ética e estética do bom viver ecológico (Carvalho; Farias; Pereira, 2011). Concordamos com Silva e Henning (2018), quando afirmam que o campo tem sido constituído pela hegemonia do crítico e nos perguntamos que outras abordagens teóricas da EA podem ser potencializadas nas pesquisas, renovando o campo em diálogo com temas emergentes e urgentes no século XXI.

Ainda, trazendo parte dos debates promovidos pela Rede EPEA, seria tempo de reconfigurar seus GDP? Como metodologicamente podemos fortalecer o campo da EA, atentando para critérios de cientificidade do campo sem perder seu vínculo translacional, respeitando e valorizando as pulsões dos territórios investigados? Esses questionamentos podem ser interessantes discussões transversais nos GDP dos próximos EPEA. Especialmente, se continuarmos com a construção de um espaço como o que vimos no GDP de formação de educadores e professores ambientais no XI EPEA, no qual a reflexão e a autenticidade nas sinergias geradas deram vazão a um ambiente de debate respeitoso e que encorajou os participantes a expressarem-se, de maneira genuína e autêntica. Espaços com essas características fomentam a potência do ser e respeitam caminhadas na pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda e significativa das experiências vividas e contribuindo para o avanço do campo da EA.

Agradecimentos

Ainda sem palavras para expressar o que significa o sentimento de perda, agradecemos ao monitor do nosso GDP, Marcos de Oliveira Silva, que, infelizmente, faleceu pouco depois do XI EPEA. Agradecemos a ele e aos outros trabalhadores do XI EPEA. O amanhã é completamente incerto. Agradecemos a ajuda, com dedicação na logística do GDP.

O trabalho foi realizado com o apoio da FAPERJ (Programa Jovem Cientista do Nosso Estado processo – SEI-260003/006898/2021).

Referências

ACOSTA, A. *O Bem Viver*. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo-Brasil: Elefante, 2016.

ANDRADE DA SILVA, C. *et al.* Marcos de teorías poscríticas para repensar la investigación en educación ambiental: La experiencia estética y la subjetividad en la formación de profesores y educadores ambientales. *Pensam. educ.*, Santiago de Chile, v. 57, n. 2, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/pel.57.2.2020.1>. Acesso em: 24 maio 2024.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. *Pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: UNIMEP, 1997.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, L. B.; FREIRE, L. M. Trabalho de conclusão de curso como material de análise: compromissos e valores ambientais de especialistas em educação ambiental em formação. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 39, n. 3, p. 248-267, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/14879/9937>. Acesso em: 28 maio 2024.

CARVALHO, I. C. de M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p69-79>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p69-79>. Acesso em: 28 maio 2024.

CARVALHO, I. C. de M., FARIAS, C. R.; PEREIRA, M. V. A missão “ecocivilizatória” e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-49, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2011000200004>. Acesso em: 24 maio 2024.

CARVALHO, I. C. de M. O ambiental como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. (org.). *Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra*. Montreal: Publications ERE-UQAM, 2002. p. 85-90 (tomo I).

CARVALHO, L. M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. C. S.; LOGAREZZI, A (org.). *Consumo e Resíduo: Fundamentos para o trabalho Educativo*. São Carlos: EdUFScar, 2006. p. 19-27.

CARVALHO, L. M.; NETO, J. M. *Estado da Arte da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil (1981-2020): meta-análises e narrativas de um campo complexo e plural*. Campinas: FE-Unicamp, 2024. 402 p.

DIAS, S. O. Alianças Vegetais: espécies companheiras de ensino diante do Antropoceno. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, [s.n.], p. e125011, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236125011vs01>. Acesso em: 25 maio 2024.

DUARTE ALMADA, E.; VENANCIO, B. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie. *Revista Interdisciplinar Sulear*, Belo Horizonte, [s.v.], n. 9, p. 67-81, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/5429>. Acesso em: 24 maio 2024.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

FREIRE, L. M.; RODRIGUES, C. Formação de professores e educadores ambientais: diálogos generativos para a práxis. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v. 15, n. 1, p.106-125, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2020-14666>. Acesso em: 24 maio.. 2024.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

IARED, V. G. *et al.* Educação Ambiental Pós-Crítica como Possibilidade para Práticas Educativas Mais Sensíveis. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. e104609, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236104609>. Acesso em: 29 maio 2024.

INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge, and description*. New York: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Da transmissão de representação à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em: 10 maio 2024.

LAYRARGUES, P. P. Quando os ecologistas incomodam: a desregulação ambiental pública no Brasil sob o signo do antiecológico. *RP3 - Revista de Pesquisa em Políticas Públicas*, Brasília, edição especial, p. 1-30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18829/rp3.v0i12.26952>. Acesso em: 24 maio 2024.

LOPES, P. A; LOUREIRO, C. F. B. Referências e sentidos da Educação Ambiental Crítica nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEAs. *REMEA – Revista Eletrônica*

do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 39, n. 1, p. 49-72, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v39i1.12764>. Acesso em: 20 maio 2024.

MATSUO, R. Uma ciência com a mão na massa e os pés na terra. *Pesquisa Qualitativa em Cena*, [s.l.], 21 de maio de 2021. Disponível em: <https://pesquisaqualiemcena.blogspot.com/2021/05/uma-ciencia-com-mao-na-massa-e-os-pes.html>. s/d. Acesso em: 24 maio 2024.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAYNE, P. Framing Research: Conceptualization, Contextualization, Representation and Legitimization. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 4, n. 2, p. 49-77, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol4.n2.p49-77>. Acesso em: 3 dez. 2024.

PAYNE, P.; RODRIGUES, Cae.; CARVALHO, Isabel. Carvalho Moura; SANTOS, Laísa. Maria Freire.; AGUAYO, Cláudio.; IARED, Valeria. Ghislotti. Affectivity in environmental education research. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v.13, n. Especial, p. 93-114, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol13.Especial.p93-114>. Acesso em: 28 maio 2024.

RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*: Implicações interdisciplinares. São Paulo: Pontes, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/216743946_Analise_de_Discurso_Critica_e_Realismo_Critico_implicacoes_interdisciplinares. Acesso em: 28 maio 2024.

RINK, J.; MEGID NETO, J. Tendências dos artigos apresentados nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA). *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 235-263, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000300012>. Acesso em: 28 maio 2024.

RODRIGUES, C. Movement Scapes as Ecomotricity in Ecopedagogy. *The Journal of Environmental Education*, London, v. 49, n. 2, p.88-102, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00958964.2017.1417222>. Acesso em: 28 maio 2024.

RODRIGUES, C. What's new? Projections, prospects, limits and silences in “new” theory and “post” North-South representations. *The Journal of Environmental Education*, London, v. 51, n. 2, p.171-182, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00958964.2020.1726267>. Acesso em: 28 maio 2024.

RODRIGUES, C; LEMOS, F. R. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia. In: PIMENTEL, G. G. A. (org.). *Teorias do lazer*. Maringá: Eduem, 2010. p. 73-102.

RODRIGUES, C; LOWAN-TRUDEAU, G. Global politics of the COVID-19 pandemic, and other current issues of environmental justice. *The Journal of Environmental Education*, London, v. 2, n. 5, p. 293-302, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00958964.2021.1983504>. Acesso em: 28 maio 2024.

RODRIGUES, C; PAYNE, P. G.; LE GRANGE, L.; CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A.; LOTZ-SISITKA, H.; LINDE-LOUBSER, H. Introduction: “New” theory, “post” North-South representations, praxis. *The Journal of Environmental Education*, London, v. 51, n. 2, p.97-112, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00958964.2020.1726265>. Acesso em: 28 maio 2024.

SILVA, L. S. da; HENNING, P. C. A educação ambiental e sua produção científica: um olhar para as diferenças. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 978-991, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n3p978>. Acesso em: 9 maio 2024.

SOLÓN, P. *Alternativas sistêmicas: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. São Paulo: Elefante, 2019.